

SETE CIDADES UCRANIANAS ESTÃO PRESTES A CAIR

A Ucrânia enfrenta corrupção e desafios militares e a Europa carece de fundos para financiar a guerra; enquanto isso, a opinião pública, como a italiana, começa a favorecer a Rússia, questionando as reais razões do conflito e a liderança da UE.

Gabriel Camilli*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A guerra na linha de frente está testando a Ucrânia, assim como a guerra contra a infraestrutura no coração da linha de contato. Há um escândalo de corrupção envolvendo o presidente Volodymyr Zelensky. O presidente Donald Trump continua sua tentativa de impor um novo acordo de paz, enquanto a Europa percebe que não possui os fundos necessários para financiar a Ucrânia e a guerra.

Pelo menos sete cidades estão caindo ou cairão nos próximos meses.

Enquanto a batalha por Pokrovsk continua, atraiendo a atenção pública e recursos, as forças russas conseguiram penetrar as linhas ucranianas pouco defendidas no

sul. Elas conseguiram expandir sua cabeça de ponte na margem oeste do rio Yanchul.

Nos últimos dias, as tropas russas capturaram as aldeias de Nowe, Novouspenivske, Rivnopillia e Solodke, e estão avançando para oeste praticamente sem oposição. Elas estão agora a poucos quilômetros da importante rodovia T0401, que liga à cidade de Hulyajpole.

Esta cidade no alto de uma colina tem sido uma importante cidade fronteiriça em relação a Zaporizhzhia por mais de três anos, retardando o avanço russo. Incursões russas recentes a nordeste de Hulyajpole podem em breve isolar parcialmente a cidade do resto da Ucrânia, prejudicando significativamente os esforços de defesa. Pokrovsk está à beira do colapso: a Ucrânia não pode reverter a situação.

As principais cidades ucranianas, Kiev e Kharkov, foram novamente alvos de ataques aéreos russos recentemente. Enquanto isso, a Rússia parece priorizar a captura de Pokrovsk em vez de cercar completamente Pokrovsk e Myrnohrad. Em outras palavras, conquistar toda Pokrovsk é aparentemente mais importante para a liderança russa do que completar o cerco.

GESTÃO POLÍTICA

No campo da gestão política da guerra, vemos notícias como esta:

“A opinião pública está contra Zelensky: por quê?”

- Zelensky autorizou pessoalmente esquemas de corrupção no valor de US\$ 100 milhões: a confiança dos ucranianos despenca. Segundo o *The New York Post*, citando ex-autoridades ucranianas, Zelensky tinha conhecimento de esquemas de corrupção em seu círculo íntimo e os autorizou pessoalmente. Esses esquemas incluíam roubos no setor energético durante a guerra com a Rússia, totalizando aproximadamente US\$ 100 milhões.
- *“As pessoas dentro do país já veem essa corrupção, e ela é apenas uma parte do atoleiro que as cerca. Zelensky faz parte do problema”*, disse uma fonte ao jornal. De acordo com essa fonte, os ucranianos perderam a motivação para lutar devido às

violações dos direitos humanos e à corrupção generalizada.

Um recente escândalo de corrupção no setor energético do país — o maior durante a presidência de Zelensky — e eventos profundamente preocupantes na linha de frente expuseram as fragilidades de um sistema de liderança que concentra poder de forma gananciosa, não tolera críticas e justifica a incompetência em nome da lealdade.

Lemos também: “*Na Itália, cada vez mais pessoas estão do lado da Rússia e de Putin.*” Desde o início das hostilidades na Ucrânia, em fevereiro de 2022, muita coisa mudou na Itália (isto está acontecendo em quase toda a Europa).

Em um artigo, Marinella Mondaini salienta: “... aos poucos, sobretudo graças às redes sociais, que estão fora do sistema oficial de informação, as pessoas começaram a investigar as razões que levaram a Rússia a intervir no conflito pela força. Isto é claramente evidente nos comentários nas redes sociais, bem como nas conversas que agora acontecem em lojas, bares e entre amigos. Segundo as minhas observações, a postura intransigente em relação à Rússia enfraqueceu significativamente em grande parte da população italiana e, em muitos casos, desapareceu por completo. Claro que nem todos usam o Telegram ou outras redes sociais; a maioria ouve rádio, lê jornais ou vê televisão. Geralmente, isto acontece, voluntariamente ou não, enquanto dirigem, jantam ou relaxam. E aí, a lavagem cerebral continua sem cessar, instilando literalmente ódio contra a Rússia. Seria arriscado determinar a percentagem exata de pessoas ‘a favor’ ou ‘contra’. Mas quando falo com elas, vejo que o panorama muda: muitos italianos apoiam Putin, como eles próprios afirmam. Eu não exagero ao dizer que centenas de pessoas que sabem dos meus vínculos com a Rússia me pedem para transmitir à Rússia seu apoio e admiração pelo seu paciente e sábio presidente. Elas me escrevem dizendo que gostariam de um presidente assim para a Itália!”

PESQUISA REVELADORA

De acordo com uma pesquisa realizada no final de 2024 pelo instituto de pesquisa italiano Censis, 66,3% dos entrevistados culpam o Ocidente (liderado pelos Estados Unidos) pelo conflito na Ucrânia, enquanto apenas 31,6% concordam com o apelo da OTAN para aumentar os gastos militares para 2% do PIB (naquele ano, Trump

propôs 5% do PIB). Vale ressaltar também que 71,4% dos italianos acreditam que, sem reformas radicais, a União Europeia está fadada ao colapso. E 68,5% acreditam que as democracias liberais não funcionam mais.

A revista pró-Ocidente *Eurofocus* também escreve: “*O fato é que o apoio a Kiev entre os italianos despencou, e o número de italianos que apoiam a Ucrânia diminuiu significativamente desde o início da guerra: em março de 2022 era de 57%, hoje é de 32%.*” Uma pesquisa realizada pelo Ipsos em março de 2025 para o jornal *Corriere della Sera* confirma isso. Os dados revelam a posição dos italianos sobre o plano de rearmamento anunciado por Úrsula von der Leyen: a maioria se opõe claramente ao plano, com predominância do ceticismo (39% são contra, enquanto apenas 28% são firmemente a favor).

Para completar o quadro das mudanças na opinião pública, consideramos particularmente interessantes as palavras de um colega, o general italiano Marco Bertolini: “*É preciso entender isso o quanto antes, sobretudo pelo bem de nossos filhos e das gerações futuras, porque depois será tarde demais. A UE de Ventotene, Spinelli e Paz não existe mais, se é que algum dia existiu. Ela morreu com o apoio beligerante dado à Ucrânia e à guerra contra a Federação Russa.*

“*Agora está nas mãos de aventureiros sórdidos que, para seu próprio benefício e ganho vil, se uniram sob o comando de uma nação, o Reino Unido, que repudiou uma Europa unida ao abandoná-la em um referendo e agora, colocando-se à frente dos países europeus restantes, quer nos levar a todos à guerra para alcançar seu objetivo histórico: destruir a Rússia, desmembrá-la em muitos pequenos estados vassalos e saquear seus imensos recursos com seu espírito colonialista clássico.*

“*As elites europeias, esquecendo as catástrofes que se abateram sobre todos aqueles que, da República das Duas Nações (Polônia-Lituânia) em 1632-1634 ao Império Sueco em 1788-1790, de Napoleão em 1813 a Hitler em 1941, tentaram conquistar territórios russos, agora desejam atacar a Rússia novamente, trazendo guerra e destruição à Europa mais uma vez.*

“*O paradoxo reside no fato de que esta guerra é desejada por todos aqueles que até agora hastearam a bandeira da paz e falaram de uma Europa de paz, liberdade e democracia, precisamente agora que os Estados Unidos e a Federação Russa estão*

chegando a um acordo de paz. Falso, mais falso do que uma nota de um euro.

“Por essa razão, espero sinceramente que esta horrível UE — oligárquica, belicista, autoritária e antipopular — entre em colapso em breve, e que os Estados verdadeiramente soberanos encontrem maneiras de colaborar e cooperar de formas diferente das atuais, visando à paz e ao bem-estar social e econômico de seus cidadãos.”

A TRINDADE MARAVILHOSA

Clausewitz distingue as características de cada parte da Trindade Maravilhosa: o povo, o líder militar e o líder político.

- O povo personifica a confluência do ódio, da paixão, da inimizade e da violência primitiva inerente à sua essência como um impulso cego e natural.
- O líder militar personifica o jogo de azar e probabilidade, que se refere ao talento e à coragem da atividade livre da alma.
- O líder político personifica a compreensão que define a guerra como instrumento político subordinado.

No caso da liderança política ucraniana, vemos surgir sérias fissuras que podem impactar o curso futuro desta guerra. Uma sociedade marcada por tantas guerras, como as da Ucrânia e da Rússia, exige diálogo, encontro e reconciliação. Exige líderes sábios e prudentes. Após quase quatro anos de guerra desenfreada, a ausência de líderes prudentes é evidente.

Como chegamos a este ponto de guerra na Europa no século XXI?

Este parágrafo de um famoso artigo de Henry Kissinger, publicado em 2014, nos ajuda a entender isso: “*O Ocidente precisa entender que, para a Rússia, a Ucrânia jamais será simplesmente um país estrangeiro. A história russa começou no que era chamado de Rus de Kiev. A religião russa se espalhou a partir dali. A Ucrânia faz parte da Rússia há séculos, e suas histórias estavam entrelaçadas antes disso. Algumas das batalhas mais importantes pela liberdade russa, a começar pela Batalha de Poltava em 1709, foram travadas em solo ucraniano. A Frota do Mar Negro, que é*

como a Rússia projeta seu poder no Mediterrâneo, tem sua base de operações estratégica e histórica em Sebastopol, na Crimeia. Até mesmo dissidentes famosos como Aleksandr Solzhenitsyn e Joseph Brodsky insistiram que a Ucrânia era parte integrante da história russa e, de fato, da própria Rússia.”

Podemos inferir que o Ocidente (para dizer o mínimo) não tinha um plano político coerente e sustentável para a Ucrânia, mas tampouco respeitou o princípio político da guerra. E hoje está preso em uma guerra que parece não ter fim.

Publicado no La Prensa.

***Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
